

Dificuldades de pronúncia de estudantes brasileiros aprendendo armênio oriental e sugestões de estratégias para superá-las

Difficulties in the pronunciation of Brazilian students learning Eastern Armenian and suggestions to overcome them

Lusine Yeghiazaryan¹, Paulo Chagas de Souza²

Universidade de São Paulo - Brasil

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar um levantamento das maiores dificuldades de pronúncia de estudantes brasileiros aprendendo armênio oriental e propor estratégias para tentar superar essas dificuldades. A abordagem se baseia no conceito de consciência fonológica (LIBERMAN 1973), buscando explorar principalmente características de pronúncia do próprio português brasileiro que têm um caráter alofônico ou ocorrem apenas em variação mas que no armênio apresentam caráter fonêmico. Em alguns casos se recorre nas soluções a detalhes da ortografia do português ou à fonologia de línguas mais conhecidas no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE:

Armênio oriental. Português. Fonologia. Consciência fonológica.

ABSTRACT

The present paper has the purpose of presenting a survey of the greatest difficulties of Brazilian students learning Eastern Armenian and proposing strategies for trying to overcome those difficulties. The approach is based on the concept of phonological awareness (LIBERMAN 1973), and seeks to exploit mainly characteristics of the pronunciation of Brazilian Portuguese itself which have an allophonic character or occur only in variation but which in Armenian have a phonemic value. In some cases, the solutions we propose are based on details of the Portuguese orthography or on the phonologies of languages which are more widely known in Brazil.

KEYWORDS:

Eastern Armenian. Portuguese. Phonology. Phonological awareness.

Recebido em: 29.08.2020

Aceito em: 04.11.2020

¹ E-mail: lusine@usp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2715-4419>

² E-mail: pcsouza@usp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0600-8401>

1. Introdução

O contato inicial com uma língua estrangeira ocorre no campo sonoro, revelando os primeiros desafios. Apesar disso, diferentemente dos demais campos da gramática, como morfologia, sintaxe ou semântica, a proficiência na fonética e na fonologia pode ser um dos últimos estágios na aprendizagem de uma língua, fato corroborado pela existência do sotaque³ que revela de imediato o não pertencimento de um indivíduo à comunidade dos falantes nativos, mesmo em falantes estrangeiros bastante proficientes em outros aspectos. Desvencilhar-se e tomar consciência dos fenômenos fonológicos da língua de origem de modo que estes não interfiram e, onde possível, auxiliem na execução ou apreensão da língua secundária é uma das principais tarefas na aprendizagem de uma língua.

Neste trabalho, apresentamos as dificuldades fonológicas dos alunos brasileiros ao aprenderem o armênio oriental, uma língua indoeuropeia pouco descrita. Resultado de uma coleta de dados nas aulas de alfabetização em armênio da Universidade de São Paulo, as dificuldades, tais como a tendência de nasalização das consoantes, palatalização dos fonemas, pronúncia de encontros consonantais, de africadas, aspiradas e ejetivas, entre outras, são minuciosamente descritas, e estão sistematizadas numa hierarquia de dificuldade e organizadas quanto à influência da pronúncia do português brasileiro (doravante PB). Efetivamente, é a primeira tentativa de mapear e sistematizar as dificuldades dos falantes do PB ao aprenderem o armênio.

O armênio constitui um ramo separado na família indoeuropeia, sendo constituído de uma única língua, assim como ocorre com o grego. Ele tem aproximadamente 10 milhões de falantes no mundo e se subdivide em dois dialetos, o oriental, língua oficial da República da Armênia, das comunidades armênias da antiga URSS e do Leste Europeu, e o ocidental, falado nas comunidades armênias do Ocidente. Com o alfabeto criado em 405 d.C., a língua é vista como preservando em si muitos fenômenos do protoindoeuropeu, e possui uma fonologia complexa, especialmente para falantes do PB, com encontros consonantais, consoantes aspiradas e ejetivas. As discussões teóricas sobre a língua são pouco acessíveis para o mundo de fala inglesa e/ou portuguesa, pois a maioria dos trabalhos acadêmicos é escrita em armênio e russo.

³ Embora o conceito de sotaque possa ser estendido a outros domínios, utilizamos aqui o conceito de sotaque restrito à pronúncia, como aparece definido em Freitag et al (2016: 72) “O sotaque é baseado na percepção do falante em função do contraste com a fala do outro, no nível articulatório (pronúncia), segmental e suprasegmental.”

Vaux (1998, p. 1) descreve da seguinte forma a língua:

Armenian is one of the most linguistically divergent of the Indo-European languages, having undergone a host of complicated phonological, morphological, and syntactic changes that continue to resist satisfactory analysis. However, the language has yet to receive a comprehensive treatment by theoretical linguists.

Nosso trabalho traz o armênio ao campo de discussão fonológica, numa tentativa de oferecer uma solução prática das dificuldades dos falantes do PB. Para tal, recorreremos à noção da *consciência fonológica*, que julgamos ser capaz de auxiliar na aquisição da língua, apontando os contextos onde há semelhanças entre os dois idiomas que podem ser exploradas, e focando os fenômenos do PB que não podem ser aplicados ao armênio.

O objetivo deste artigo é fazer um levantamento das dificuldades que os estudantes brasileiros apresentam no aprendizado da pronúncia da língua armênia, bem como propor soluções para essas dificuldades. Serão sugeridas estratégias para cada dificuldade, baseando-nos em características do próprio português brasileiro. Em muitos casos será útil chamar a atenção dos estudantes para características do português que normalmente eles não percebem a fim de despertar a consciência desses fenômenos.

Como os dados foram coletados no curso de armênio da Universidade de São Paulo, onde a maioria dos alunos é paulista, as dificuldades são essencialmente as encontradas por falantes de variedades paulistas do português, mas em grande parte se aplicam aos falantes do PB de um modo geral.

O resultado prático deste trabalho é oferecer uma estratégia para melhorar o desempenho tanto do aluno, como do professor. Fazemos uso da noção de consciência fonológica (doravante CF) como um recurso teórico para transformar a aprendizagem do armênio numa experiência mais eficiente e menos complicada, resultando numa melhor proficiência no armênio. No campo teórico, o trabalho contribui para a discussão da noção de CF no ensino de línguas estrangeiras, tomando como exemplo o armênio e o PB.

2. Os fonemas do armênio oriental

A fonologia do armênio ocidental e a do oriental diferem principalmente com relação às oclusivas. Como o armênio oriental é a variedade da República da Armênia, além de ser a variedade usada no ensino no Brasil, essa será a variedade analisada neste artigo. Examinemos

inicialmente quais os fonemas consonantais encontrados no armênio oriental.

Quadro 1 - Fonemas consonantais do armênio oriental

	bilabial	labio-dental	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	uvular	glotal
oclusiva	p b		t d			k g		
ocl.asp.	p ^h		t ^h			k ^h		
africada			ts dz	tʃ dʒ				
afric.glot.			ts'	tʃ'				
nasal	m		n		ɲ	ŋ		
vibrante			r					
tepe			r					
fricativa		f v	s z	ʃ ʒ			χ ʁ	h
aprox.					j			
apr.lat.			l					

Como é padrão nesse tipo de tabela, cada célula apresenta à esquerda fones surdos e à direita fones sonoros. Praticamente todos esses sons ocorrem no português. Entretanto, uma dificuldade importante existente mesmo entre os fones encontrados no PB é a representada pelo fato de que as consoantes uvulares⁴ e a glotal são alofones no português, não distinguindo significado, ao contrário do que ocorre no armênio.

Duas outras características que distinguem mais acentuadamente o armênio do português se relacionam ao papel das pregas vocais na produção de oclusivas e africadas. No que se refere às oclusivas, a diferença está relacionada ao VOT (*voice onset time* ou momento de início do vozeamento). Numa sequência de oclusiva (ou fricativa) e vogal, nessa ordem, o português apresenta duas possibilidades. O vozeamento pode coincidir aproximadamente com o início da vogal, tendo um valor próximo de 0 milissegundos (ms), o que caracteriza a oclusiva como surda ou desvozeada, ou pode se iniciar bem antes do início da vogal, com um VOT por volta de 100 ms negativos, o que caracteriza a oclusiva como sonora ou vozeada. O armênio possui oclusivas com os mesmos três articuladores ativos que o português: labial, coronal e

⁴ Embora talvez pouco comuns atualmente, as fricativas uvulares ocorrem em variação com as velares (Massini-Cagliari; Cagliari, 2001, p. 126).

dorsal. Contudo, além de ter oclusivas com VOT negativo, e com VOT próximo de zero, o armênio possui também oclusivas com VOT acentuadamente positivo, as chamadas oclusivas aspiradas. A distinção crucial nesse caso é que há um atraso do início do vozeamento com relação ao início da vogal. Como esse atraso na fonação não ocorre no português, ele representa uma dificuldade para estudantes brasileiros.

Além das oclusivas aspiradas, o armênio possui africadas ejetivas, produzidas com a interrupção da passagem do ar nas pregas vocais e subsequente elevação da glote e abertura dessa oclusão. Esse fechamento total da glote não é utilizado nem alofonicamente no português, representando uma outra grande dificuldade.

Quadro 2 - Fonemas vocálicos do armênio oriental

	anterior	central	posterior
alta	i		u
média alta	e		o
média		ə	
baixa		a	

Os fonemas vocálicos em si não chegam a apresentar grande dificuldade. O único fonema inexistente no português como tal é o *schwa*, mas que pode ocorrer em algumas variedades, sendo próximo do *a* nasalizado na pronúncia paulista, que pode inclusive apresentar desnasalização, assim como ocorre no Rio Grande do Sul, conforme apontado em Battisti e Oliveira (2019).

3. O alfabeto armênio

O alfabeto armênio é reconhecidamente um dos que apresentam um maior nível de proximidade entre a pronúncia e a grafia. A correspondência entre as letras e os sons que representam está no quadro abaixo.

Quadro 3 – Correspondência entre letras e pronúncia no armênio oriental

u a	ժ Յ	հ հ	պ ք	ց տ
բ	ի	ձ ճ	ջ ճ	փ փ ^h

q g	լ ʎ	ղ ɰ	ռ r	ք k ^h
դ d	խ χ	ճ tʃ'	ս s	օ o
է je, e	ծ ts'	մ m	վ v	ֆ f
զ z	կ k	յ j	տ t	և ev, jev
է e	թ t ^h	ն n, ɲ, ŋ	ր r	չ tʃ
ը ə	ո vo, o	շ ʃ	ու u	

A grande maioria dos grafemas representa uma pronúncia uniforme. As exceções são praticamente apenas letras que podem, dependendo do contexto, representar uma vogal precedida de um glide (է [je, e]; ն [vo, o]; և [ev, jev]), e a consoante ն, que representa três nasais: [n, ɲ, ŋ].

4. As dificuldades dos estudantes brasileiros em ordem crescente

Nas subseções seguintes listamos as dificuldades que os estudantes apresentam, desde aquelas que parecem mais facilmente identificáveis pelos próprios alunos até aquelas que parecem quase insolúveis. Elas são ordenadas a partir da percepção tanto dos alunos como dos docentes da área de armênio, no decorrer do ensino de disciplinas Língua Armênia I (alfabetização), II, III, IV e V, ministradas desde o ano de 2003 na Universidade de São Paulo. Nossa hipótese é que aumentar a consciência fonológica com relação ao próprio português pode ajudar os estudantes a mobilizar recursos que, de certa forma, eles já possuem. Obviamente isso não se aplica a todas as dificuldades, mas pode ajudar a sanar ou atenuar boa parte delas.

4.1 Alçamento e nasalização do [a] em contexto pré-nasal

O contexto pré-nasal em português favorece extremamente a nasalização. Essa nasalização é muito mais perceptível quando a vogal nasalizada é um [a], pelo fato de a vogal apresentar um grau de alçamento que pode ser bem acentuado, sendo transcrita variavelmente como [e], [ɜ] ou [ə]. Alguns exemplos, transcrevendo a vogal nasal como [ẽ], são os seguintes: *fanho* ['fẽɲɔ], *manga* ['mẽ(ɲ)gɛ], *amputar* [ẽ(m)pu'ta(r)].

O [a] do armênio não se nasaliza antes de consoantes nasais, como ocorreria em português, e se mantém com o grau máximo de abertura. Apesar disso, os alunos tendem a nasalizar os [a]-s do armênio na hora de leitura. Os exemplos ilustram como os alunos pronunciam:

- (1) անել ‘fazer’, pronunciado [ɛnel] em vez de [anel]
 մանուկ ‘bebê’ pronunciado [mɛnuk] em vez de [manuk]
 անպայման ‘com certeza’ pronunciado [ɛnpajmɛ] em vez de [anpajman]
 համով ‘gostoso’ pronunciado [hɛmov] em vez de [hamov]
 իսկական ‘real’ pronunciado [iskakɛ] em vez de [iskakan]

No armênio, em palavras terminadas por consoantes, além da não-nasalização da vogal, pronuncia-se a consoante final: բան [ban], տան [tan], մանկան [manʃkan]. A pronúncia da consoante final é um elemento essencial para o entendimento do falante em armênio. Isso pode ser visto nas oposições:

- (2) սիրում [sirum] participio do verbo ‘amar’
 սիրուն [sirun] ‘belo’, ‘bonito’
 (3) սպասում են [en] ‘eles amam’
 սպասում եմ [em] ‘eu amo’

Os alunos nasalizam as vogais que precedem [n] e [m] finais, não pronunciando essas consoantes e causando desentendimento ou ambiguidade das palavras ou frases, como nas que seguem:

- (4) Սիրուն եմ.
 Sirun em.
 ‘Sou bonito/a’.
 (5) Սիրում եմ.
 Sirum em.
 ‘(Eu) amo.’
 (6) Սիրում են.
 Sirum en.
 ‘(Eles) amam.’

Quando a vogal [e] precede [n] e [m] finais, como ocorre ditongação no português, resultando na pronúncia [ẽ̃] a pronúncia dos alunos acaba se confundindo com as formas do pretérito imperfeito. A pronúncia dos exemplos (4) e (5) parece a mesma de (7):

(7) Uʃɾɾɨũ ɛ̃ɨ
sirum ei
'(Eu) amava.'

(8) Uʃɾɾɨũ ɛ̃ɨ
sirun ei
'(Eu) era bonita/o.'

Todas as vogais do português sofrem nasalização diante de consoantes nasais. No entanto, a diferença é muito mais perceptível quando se trata da vogal [a], já que, além da nasalização, ela sofre alçamento em grau variável.

Uma possível estratégia para solucionar essa dificuldade de pronúncia seria dividir artificialmente as palavras. Uma palavra como *manuk* seria pronunciada num exercício de pronúncia como se fossem duas palavras separadas: [ma nuk]. Depois que os alunos pronunciassem corretamente as duas palavras em sequência, seria eliminada a separação, com a recomendação de que eles mantivessem a mesma pronúncia da vogal. Essa estratégia se baseia no fato de que em português *está melhor* ou *está novo* não há nasalização e nem o conseqüente alçamento do [a] diante do [m] porque os falantes sabem que há uma fronteira de palavra. Para falantes paulistas, há ainda um outro possível contexto em que não há nasalização nem, conseqüentemente, alçamento. São palavras como *panela* ou *camisa*, em que a vogal /a/ ocorre antes de consoante nasal, mas em sílaba átona. Vide Abaurre e Pagotto (2013).

Quanto à pronúncia do /m/ e do /n/ em final de palavra, uma boa estratégia seria os alunos pronunciarem de início apenas essas consoantes de forma exageradamente prolongada: [m:::] e [n:::]. Para pronunciarem [sirum] e [sirun], as seguintes etapas provavelmente seriam proveitosas: pronunciar separadamente [siru] seguido de uma breve pausa e depois [m:::]; da mesma forma, [siru] seguido de uma breve pausa e depois [n:::]. Depois se elimina a pausa, obtendo [sirum:::] e [sirun:::]. A etapa seguinte seria eliminar esse prolongamento artificial da nasal final, e assim se obteriam as pronúncias [sirum] e [sirun].

4.2 Palatalização dos fonemas /d/ e /t/

Para grande parte dos falantes do português do Brasil, /d/ e /t/ se tornam africadas diante da vogal /i/, seja como vogal oral (*tia, dia, etiqueta, adiar*), como vogal nasal (*tinta, redinha*), ou como vogal reduzida (*cidade, quente*). O mesmo não ocorre em armênio, como nos seguintes exemplos:

(9) դիմակ [dimak] ‘máscara’

(10) մատիտ [matit] ‘lápiz’

(11) տիկնիկ [tiknik] ‘boneca’

(12) դիտել [ditel] ‘assistir’

Na Universidade de São Paulo, sendo a maioria dos estudantes paulistas, é comum os eles aplicarem a regra do PB no armênio, embora não ocorra palatalização no armênio. Observe os exemplos de pares mínimos que ressaltam o quanto é crucial fazer a distinção em armênio, pois tanto /d/ e /dʒ/ quanto /t/ e /tʃ/ distinguem significado em armênio.

(13) շիպ [tʃip] ‘jipe’

տիպ [tip] ‘tipo’

(14) ջին [dʒin] ‘gin’ (bebida alcoólica)

դին [din] ‘o cadáver’

As frases abaixo têm o verbo ‘trazer’ no imperativo no armênio, e demonstram a importância do contraste entre [dʒ] e [d].

(15) Ջին բեր: [dʒin ber] ‘Traz gin.’

(16) Դին բեր: [din ber] ‘Traz o cadáver.’

Há duas estratégias possíveis para estudantes que fazem a palatalização no português. A primeira seria imitar uma pronúncia sem palatalização, seja ela, por exemplo, pernambucana ou de certas regiões do interior do estado de São Paulo. Outra possibilidade seria se basear em contextos de sândi vocálico, em que ocorre elisão de [a] em final de palavra (BISOL, 1992), como no exemplo *cada história*. Na fala conexas há 3 possíveis pronúncias dessa sequência:

- (17) ca[da is]tória (com hiato)
 (18) ca[dajs]tória (com ditongo)
 (19) ca[dis]tória (com elisão da primeira vogal)

O crucial é que nessa última pronúncia, como o que está entre colchetes é a transcrição fonética do trecho assinalado, o [d] é pronunciado sem palatalização. Se os estudantes se derem conta que mesmo os que “sempre” fazem a palatalização, não palatalizam nesse tipo de exemplo, isso poderia ajudar muito a não palatalizar as oclusivas em armênio.

Caso haja estudantes que tenham dificuldade com a palatalização, usar exemplos como *adjetivo* e *tchau* ou exemplos do inglês como *cheese* e *jump* provavelmente ajudará.

4.3 Estrutura silábica

O armênio admite uma variedade muito maior de consoantes e encontros consonantais em final de palavra, como em սպիտակ [spitak], համով [hamov], պարիսպ [parisp].

O falante do português, por estar mais habituado a terminações em vogais ou a um grupo restrito de consoantes (s, como em *meninas* e r como em *amor*) tende a adaptar palavras como as apresentadas no exemplo, pronunciando-as [spitaki], [hamovi], [parispi].

É essencial o aluno se conscientizar o quanto a inserção do [i] final nestas palavras interfere na inteligibilidade, causando desentendimento em armênio, uma vez que [i] é a marca morfológica do caso genitivo para a maioria das palavras do armênio. O contraste está exemplificado abaixo:

- | | | |
|------|----------------------------|-----------------------------------|
| (20) | սպիտակ [pitak] ‘etiqueta’ | սպիտակի [pitaki] ‘de/da etiqueta’ |
| (21) | համով [hamov] ‘gostoso’ | համովի [hamofi] ‘de gostoso’ |
| (22) | պարետ [paret] ‘comandante’ | պարետի [pareti] ‘de comandante’ |

Uma possível estratégia para os alunos não introduzirem esse [i] em final de palavra seria começar com fricativas em final de palavra, prolongando-as exageradamente. Primeiro o [s], que já ocorre no português (ou o [ʃ] dependendo da variedade que o estudante utiliza). Depois provavelmente funcionaria passar para as demais fricativas fonêmicas do português. Tomando o exemplo *համով* [hamov], essa palavra poderia ser pronunciada [hamovːs], ou mesmo [hamo

v:::], como se a palavra fosse [hamo] e a fricativa fosse pronunciada separadamente, mas depois eliminando a pausa, e por fim eliminando o prolongamento exagerado da fricativa.

Para as oclusivas, uma estratégia que pode trazer resultados seria baseada no fato de que sequências de consoantes no meio da palavra são silabificadas de forma diferente em línguas diferentes. Uma palavra como *abracadabra* é silabificada como *a.bra.ca.da.bra* em português, mas *абракадабра* pode ser silabificada como [ab.ra.ka.dab.ra] em russo. Uma possível estratégia seria os alunos tentarem pensar na divisão silábica dessa segunda forma, e tentarem fazer uma pequena pausa entre o [b] e o [r]. Da mesma forma poderia ser feito com palavras como *pedra*, *magro*, *lepra*, *metro* e *sacro*. Essa estratégia tenta tirar partido do fato de que qualquer oclusiva seguida de tepe em português é produzida sem epêntese vocálica entre as duas consoantes.

4.4 Sonorização

Uma outra dificuldade é resultante do fato de que ocorre em português a sonorização de fricativas em contato com vogais ou consoantes sonoras:

- (23) *asas* pronunciado ['azes]
- (24) *casa* pronunciado ['kaze]
- (25) *as alunas* pronunciado [az a'lunes]
- (26) *esgotar* pronunciado [izgo'tar]

Isso não ocorre em armênio. Ex.:

A frase Ես դասախոս եմ “Eu sou professor” deve ser lida como: [jes dasaxos em], mas costuma ser lida como [jez dasaxoz em] ou [jez dazaxoz em]. O mesmo acontece nos exemplos a seguir:

- (27) հասնել [hasnel] ‘chegar’ é pronunciado [haznel]
- (28) Հասմիկ [hasmik], um nome próprio feminino, é pronunciado [hazmik]

Um artifício que poderia ajudar seria baseado na ortografia do português, transliterando o <u> armênio, pelo menos nessas posições problemáticas, como <ss>, já que ele nunca corresponde a uma pronúncia de [z] no português. Dessa forma, uma palavra como *հասնել*

seria transliterada como *hassnel*.

4.5 Tonicidade

Em português é possível encontrar palavras proparoxítonas (*última, sábado* etc.), paroxítonas (*pato, bicicleta* etc.) ou oxítonas (*estar, vendaval, dominó*). A maioria das palavras do português é paroxítona, em contraste com o armênio, cujas palavras são oxítonas, exceto quando:

1. Juntam-se ao artigos (que são sufixados no armênio): o definido ը [ə], ou artigos possessivos ս [s], դ [d], sendo que nesses dois últimos casos há na pronúncia o chamado *schwa* oculto (ver seção 4.8):

դրամապանակ [dra.ma.pa.'nak] 'carteira'

դրամապանակը [dra.ma.pa.'na.kə] 'a carteira'

դրամապանակս [dra.ma.pa.'na.kəs] 'minha carteira'

դրամապանակդ [dra.ma.pa.'na.kəd] 'tua carteira'

2. São empréstimos de outras línguas, mantendo a acentuação da língua de origem:

կոսմոս ['kos.mos] 'cosmo'

3. Possuem sílaba final com núcleo composto pela vogal ը [ə], que não é expressa ortograficamente no armênio (o *schwa* oculto):

աստղ ['as.tə] 'estrela'

կայսր ['kaj.sə] 'imperador'

տետր ['te.tə] 'caderno'

O aluno falante do português tende a enunciar as palavras do armênio de acordo com a tonicidade mais comum em sua língua materna.

Para os estudantes que tiverem familiaridade com o francês, provavelmente ajudaria comparar o sistema de acento das duas línguas, que é basicamente o mesmo: acento na última sílaba em quase todos os casos, menos quando ocorrer um *schwa*. Alguns exemplos do francês que poderiam ajudar na analogia de não acentuar sílabas com *schwa* em final de palavra seriam: *livre*, sendo pronunciado com *schwa* ['livʁə]. Uma diferença importante é que esse *schwa*

opcional em francês ocorre sempre em posição final, enquanto no armênio ele precede consoante. Quanto ao schwa não grafado, ver a seção 4.8.

4.6 A semivogal [j]

Os alunos se confundem na pronúncia do [j], com a tendência de pronunciá-lo como [i]:

- (29) մատյան [matjan] ‘agenda’
- (30) սայլակ [sajlak] ‘esqui’
- (31) փայլել [p^hajlel] ‘brilhar’
- (32) Հրայր [hrajr] nome próprio masculino
- (33) Արուսյակ [arusjak] nome próprio feminino

No português, o uso da semivogal ou de uma vogal não é distintivo, havendo variação na pronúncia de muitas palavras. *História*, por exemplo, pode ser pronunciada com três ou com quatro sílabas: *his.tó.ri.a* ou *his.tó.ria*. Na primeira pronúncia há um hiato, ou seja, duas vogais em sequência, em sílabas separadas: [i] e [e]. Na segunda pronúncia há um ditongo crescente, ou seja, uma semivogal seguida por uma vogal na mesma sílaba: [je]. Seria importante, antes de passar para o contraste em armênio, cada aluno produzir as duas pronúncias, percebendo que elas são possíveis, mas diferentes. Tendo isso ficado claro para os alunos, o passo seguinte seria enfatizar que em armênio as duas pronúncias não seriam equivalentes. Há ditongos, como os dos exemplos citados acima, mas há hiatos também, como *հիւանլ* [hi.a.nal] ‘admirar’ e *արդիական* [ar.di.a.kan] ‘moderno’. É importante ressaltar para os alunos que [matjan] não pode ser pronunciado *[ma.ti.an] e [ar.di.a.kan] não pode ser pronunciado *[ar.dja.kan]. Na primeira palavra precisa haver hiato na pronúncia, e na segunda, ditongo.

Para destacar a pronúncia da semivogal em ditongos crescentes, uma possível estratégia seria se basear em palavras como *férias*, que são praticamente sempre pronunciadas com 2 sílabas ou seja com o *i* funcionando como semivogal.

Para contrastar a pronúncia em hiato e em ditongo decrescente, um par relevante seria *sai* e *saí*, pronunciados [saj] e [sa.i].

Para ajudar os alunos a perceberem a sutileza da diferença, um par como *paizinho*, diminutivo de *pai*, e *paisinho*, diminutivo de *país*, em que o primeiro tem ditongo e o segundo

tem hiato, poderia ajudar.

4.7 A africada á [dz]

Essa africada geralmente é classificada como difícil pelos alunos, com a tendência de pronunciá-la como um simples [z] nas palavras a seguir:

(34) ձու [dzu] ‘ovo’

(35) օձաձուկ [odzadzuk] ‘peixe-cobra’

(36) անձերոցիկ [andzerotsik] ‘guardanapo’

Como já foi descrito em Cristófaros-Silva e Leite (2015), o PB apresenta sequências emergentes de [ts] e [dz]. Uma possível estratégia seria se basear na variação existente em palavras como *desaparecer*, *desumano*. Embora essas palavras sejam pronunciadas frequentemente com cinco ou quatro sílabas, respectivamente, é muito comum a vogal da sílaba inicial não ser pronunciada, dando origem a uma pronúncia africada: [dza]parecer e [dzumano]. Se os alunos estiverem pronunciando essas palavras dessa maneira, a pronúncia da sílaba inicial de *desumano* como [dzu] poderá servir de modelo para pronúncia da palavra *dzu* ‘ovo’ em armênio, e assim por diante.

4.8 Encontros consonantais

Em armênio é possível encontrar palavras com diversos tipos de encontros consonantais. Na maioria dos casos, a pronúncia deve ser feita de modo a acrescentar à palavra a vogal [ə], que não está expressa ortograficamente. É o assim-chamado fenômeno do ‘schwa oculto’. Como foi dito, o alfabeto armênio é um dos que apresentam um maior nível de proximidade entre a pronúncia e a grafia. Esse é um dos poucos casos em que a grafia não corresponde à pronúncia em armênio.

Esses encontros consonantes com o “schwa oculto” são a maior dificuldade dos alunos. Todas as palavras a seguir são um desafio para os falantes do PB, ainda mais quando as consoantes são as aspiradas, ejetivas ou as letras հ [h], ը [r], ռ [r], խ [χ] ou յ [ʏ].

Seguem alguns casos de encontros consonantais. Primeiro em posição inicial:

- (37) **Cə-C:** նկար [nə.kar] ‘pintura’
 (38) **əC-C:** զգալ [əz.gal] ‘sentir’
 (39) **CəC-C:** գտնել [gət.nel] ‘encontrar’
 (40) **əC-CəC-V** ou **CCə-CV:** ստրուկուհի [əs.tər.ku.hi] ‘escrava’ ou ստրուկ [stə.ruk] ‘escravo’
 (41) **Cə-CəCC-C:** սփրթնում [sə.pʰərtʰ.num] ‘clareamento’
 (42) **CəC-CəC-C:** քսումնալից [kʰəs.təm.na.lits] ‘horível, macabro’
 (43) **CəCC-CəC-Cə-C:** փնթփնթոց [pʰəntʰ.pʰən.tʰots] ‘rabugice’

Outros exemplos em posição medial:

- (44) **CC-C:** կարմրել [kar.mə.rel] ‘avermelhar’
 (45) **CəC-C:** ‘երաժշտություն’ [je.ra.ʒəf.tu.tʰjun] ‘música’
 (46) **VC-Cə-CV:** աղվկարար [aʁ.mə.ka.rar] ‘barulhento’

E outros em posição final:

- (47) **lu** [‘je.vəs] ‘também’
 (48) **ումն** [‘vo.mən] ‘alguém’
 (49) **անհիմն** [an.‘hi.mən] ‘infundado, sem base’
 (50) **վագր** [‘vagər] ‘tigre’

Como se trata de uma epêntese para eliminar certas sequências de consoantes, provavelmente seria útil partir de um processo semelhante existente no português do Brasil, a epêntese de [i], como em [i]skate, p[i]terodátilo, ig[i]norante e bícep[i]s. De início seria importante que os alunos se conscientizassem que pronunciam um [i] nesses contextos, e que ele não aparece na escrita, Isso pode ser feito apresentando grafias como *piterodátilo*, *iguinorante* e *bícepis*. Uma etapa intermediária que provavelmente ajudaria seria trocar o [i] epentético por *schwa*, pronunciando [ə]skate, p[ə]terodátilo, ig[ə]norante e bícep[ə]s. Depois de treinar fazer isso com palavras do português, os alunos poderiam fazer isso com palavras do armênio.

- (51) զգալ <zgal> [əz.gal]
 (52) **lu** <jevs> [‘je.vəs]
 (53) աղվկարար <aʁmkarar> [aʁ.mə.ka.rar]

Para os alunos que têm familiaridade com o inglês, ajuda assinalar que o *schwa* é o mesmo som encontrado na sílaba inicial de *about*, por exemplo. No português do Brasil esse som pode ocorrer, mas frequentemente ele é nasalizado. Pode se sugerir o uso do <ə> encontrado como pronúncia possível em *ano*, por exemplo, com a ressalva de que ele não seja nasalizado. Novamente, como foi apontado acima, essa variante desnasalizada é encontrada em São Paulo, tendo sido apontada como existente também no Rio Grande do Sul (Battisti e Oliveira, 2019).

4.9 As aspiradas

Ausentes em PB, são um desafio para os alunos. f^h p^h , p^h k^h , t^h têm a tendência de serem pronunciados como [p], [k], [t]:

- (54) $\text{f}^h\text{a}\text{f}^h\text{u}\text{l}$ [p^hap^huk] ‘fofo’, é pronunciado [papuk]
 (55) $\text{f}^h\text{a}\text{f}^h\text{k}^h\text{a}\text{t}\text{s}\text{n}\text{e}\text{l}$ [p^hap^hkatsnel] ‘amaciar’, é pronunciado [papkatsnel]

O mesmo ocorre nas palavras a seguir:

- (56) $\text{p}^h\text{a}\text{j}\text{t}^h\text{p}^h\text{o}\text{r}\text{i}\text{k}$ [p^hajtp^horik] ‘pica-pau’
 (57) $\text{p}^h\text{a}\text{t}^h\text{i}\text{l}$ [p^hat^hil] ‘gota’
 (58) $\text{t}^h\text{a}\text{p}^h\text{v}\text{e}\text{l}$ [t^hap^hvel] ‘derramar’
 (59) $\text{h}\text{e}\text{t}\text{a}\text{k}^h\text{r}\text{k}^h\text{i}\text{r}$ [hetak^hrk^hir] ‘interessante’
 (60) $\text{k}^h\text{i}\text{t}^h$ [k^hit^h] ‘nariz’

Combinados com o fenômeno de encontros consonantais, as aspiradas ficam mais difíceis para os alunos pronunciarem:

- (61) $\text{d}\text{ə}\text{.r}\text{ə}\text{m}\text{.p}^h\text{a}\text{l}$ [də.rəm.p^hal] ‘despencar’
 (62) $\text{p}^h\text{ə}\text{.r}\text{ə}\text{f}\text{.t}\text{a}\text{l}$ [p^hə.rəf.tal] ‘espirrar’
 (63) $\text{k}^h\text{ə}\text{s}\text{t}\text{.k}^h\text{əs}\text{.t}\text{a}\text{t}\text{s}\text{.n}\text{e}\text{l}$ [k^həst.k^həs.tats.nel] ‘andar arrastando o pé’
 (64) $\text{k}^h\text{ə}\text{r}\text{.k}^h\text{ə}\text{.r}\text{e}\text{l}$ [k^hər.k^hə.rel] ‘desfiar’
 (65) $\text{k}^h\text{ə}\text{r}\text{.k}^h\text{ə}\text{f}$ [k^hər.k^həf] ‘com esforço’

Uma possível estratégia seria se basear em sequências de palavras do inglês como *cheap house*, *white house* e *black house*.

Evidentemente, um pré-requisito para que essa estratégia funcione é que os alunos estejam pronunciando *house* com uma glotal no inicial. Para ajudá-los a perceber se estão fazendo isso, uma boa estratégia é pedir que pronunciem as sequências [aha], [ihi] e [uhu]. Se eles estiverem pronunciando uma consoante glotal entre as vogais de cada exemplo, não haverá nenhuma alteração na configuração da cavidade oral. Se ela se alterar, isso significa que está sendo produzida uma consoante na cavidade oral, e não na glote. Em São Paulo é bastante possível que essa pronúncia ocorra, pois ela é uma das variantes do <r> forte.

Caso eles estejam pronunciando a glotal corretamente, uma estratégia possível seria tentar fazer uma pausa antes da oclusiva final do adjetivo em *cheap house*, *white house* e *black house*. Se eles conseguirem fazer isso, estarão bem perto de conseguir pronunciar consoantes aspiradas.

4.10 Ejetivas

As consoantes ejetivas apresentam o maior grau de dificuldade para os alunos, que demoram muito para aprender a sua pronúncia e não conseguem diferenciar entre as ejetivas e as não ejetivas correspondentes: δ [ts'] para os alunos é idêntico ao g [ts], e $\acute{\delta}$ [tj'] para os alunos é idêntico ao ζ [tj].

Assim, todas as palavras a seguir são complicadas para os falantes do PB. As duas últimas, que têm ejetiva dupla e combinação do ζ e $\acute{\delta}$ são praticamente missão impossível:

- (66) $\acute{\delta}h\acute{\delta}n\acute{\delta}$ [tj'itju] 'minhoca',
- (67) $\acute{\delta}n\acute{\delta}h\acute{\delta}$ [tj'utik] 'filhote'
- (68) $\acute{\delta}n\acute{\delta}n\acute{\delta}h$ [antj'orni] 'feio'
- (69) $\acute{\delta}n\acute{\delta}n\acute{\delta}h$ [pertj'uhi] 'nome próprio feminino'
- (70) $\delta h\delta\acute{\delta}$ [ts'its'ak] 'pimenta ardida'
- (71) $\delta n\delta\acute{\delta}$ [tj'ovatsul] 'baleia'
- (72) $\zeta\acute{\delta}r\acute{\delta}$ [tja.ra.tj'ə.tji] 'levado, desobediente'
- (73) $\zeta\acute{\delta}n\acute{\delta}$ [tjə.tj'ər.tj'ə.ral] 'não ranger'

A palavra չճճճաղըտցի [tʃətʃərtʃəratsretsi] é a versão negativa causativa ('não fazer ranger') no pretérito perfeito. É uma palavra praticamente impronunciável para os alunos, pois tem uma sequência de cinco consoantes, [r], o encontro de [ts] com ր [r] entre as várias dificuldades de pronúncia para falantes do PB.

Como as ejetivas são completamente ausentes no português, será necessária uma estratégia que envolve algumas etapas. Inicialmente os alunos precisam perceber um tipo de articulação glotal usado no português. Como se sabe, não há fonemas glotais ou glotalizados no português. Apesar disso, a parada glotal é frequentemente usada na música. Um ótimo exemplo disso é a música *Pescador de Ilusões* do Rappa, especificamente no trecho “valeu a pena, ê ê”. Esse trecho “ê ê” é pronunciado com uma parada glotal entre os dois [e], podendo ser transcrito [eʔe].

Outro pré-requisito importante é que os alunos consigam produzir as africadas não acompanhadas de nenhuma vogal. Um recurso para isso seria aproveitar a pronúncia existente em variação de formas como *quente* ou *quentes*. A primeira, nas variedades que apresentam palatalização, além da pronúncia ['kētʃi], existe em variação a pronúncia ['kētʃ], em que a vogal final não é mais pronunciada. Um exercício bom seria prolongar esse [tʃ], na verdade, a fase fricativa da africada, numa pronúncia como [tʃʃʃʃʃ]. Já a forma plural *quentes* pode ser pronunciada ['kētʃis], mas também ocorre em variação sem a vogal átona da sílaba final, com a pronúncia ['kēts]. De novo, seria bom aprender a prolongar a fase fricativa da africada, numa pronúncia como [tʃʃʃʃʃ]. Esse prolongamento artificial teria o objetivo de evitar que os alunos pronunciassem um [i] após as africadas.

Depois dessas duas etapas preparatórias, chegaria o momento de tentar combinar as duas etapas anteriores: produzir um [tʃ] ou um [ts] com uma parada antes de produzir a vogal que viesse em seguida dele. Para finalizar, a africada e a oclusão glotal deveriam ser pronunciadas o mais próximo possível.

4.11 Os erres do armênio

O ponto mais difícil para os falantes do português são os assim-chamados “erres” do armênio, uma classificação criada pelos alunos ao se referirem às letras հ [h], ր [r], ռ [r], խ [χ] ou ղ [ʁ], já que todas essas consoantes são representadas na escrita em português pela letra <r>, simples ou dobrada. As sequências de consoantes e as ejetivas, bem como a pronúncia dos erres

do armênio são as maiores dificuldades para os alunos de armênio.

Uma delas, o tepe, até apresenta contraste com as demais no PB, mas apenas em posição intervocálica. Fora dessa posição é impossível haver contraste no português. Em início de palavra, o tepe é impossível. Já em encontros consonantais, como na palavra *Brasil*, ele é a única possibilidade.

A palavra ‘grávida’, հղի [hə.vi] é uma das mais difíceis para os falantes do PB, pois apresenta [h] e [v] em sílabas subseqüentes. Seguem mais exemplos:

- (74) հսկել [həs.kel] ‘controlar’
- (75) դողդողալ [dov.do.val] ‘tremar’
- (76) աղել [a.vɛv] ‘lança’
- (77) խոհարար [χo.ha.rar] ‘chefe de cozinha’

A co-ocorrência dos erres numa palavra aumenta extremamente a dificuldade dos alunos. Seguem alguns exemplos:

- (78) համել [ha.mɛv] ‘gostoso’
- (79) մելր [me.vɛr] ‘mel’
- (80) հոսող [ho.sov] ‘que flui’ (particípio)
- (81) խոսացող [χo.sa.tsov] ‘falante’
- (82) սաղր [sa.vɛr] ‘raso’
- (83) ջրհոր [dʒɛr.hor] ‘poço’
- (84) խաղաղ [χa.vɛv] ‘pacífico’
- (85) խաղաղապահ [χa.va.va.pah] ‘pacífico’
- (86) խաղող [χa.vov] ‘uva’
- (87) խոխոալ [χɛr.χə.ral] ‘rosnar’
- (88) չխոխոաց [tʃə.χɛr.χə.rats] ‘(ele) não rosna’
- (89) խեղճ [χɛtʃ] ‘humilde, coitado’
- (90) խեղկատակ [χɛv.ka.rak] ‘palhaço’
- (91) խլոտալ [χə.lɛr.tal] ‘mexer-se’ (sobre minhocas)
- (92) տեղափոխել [te.va.phoxe.tsi] ‘(eu) mudei’

- (93) բառախաղ [ba.ra.χaβ] ‘jogo de palavras’
 (94) սահմնկեցուցիչ [sah.mər.ke.tsu.tsitʃ] ‘horripilante’
 (95) խխունջ [χə.χundʒ] ‘concha’

Observe que aquilo que é um arquifonema em português, para o armênio é uma série de fonemas diferenciadores de significado:

- (96) մեր [mer] ‘nosso/a’
 (97) մեխ [meχ] ‘prego’
 (98) Արա [ara] ‘Ara’ (nome próprio)
 (99) ահա [aha] ‘eis’ (demonstrativo)
 (100) ահ [ah] (interjeição de surpresa)
 (101) առ [ar] ‘pega’ (imperativo)
 (102) ախ [aχ] (interjeição de desgosto)

Uma possível estratégia seria se basear na variação existente no PB. Para isso se poderia usar num primeiro momento as pronúncias de uma forma até caricata.

Para produção do [r], a vibrante, por vezes denominada de forma não tão correta *vibrante múltipla*⁵, uma pronúncia que poderia ser utilizada seria da expressão *orra meu* imitando um sotaque paulistano de origem de italiana, ou imitando o locutor Galvão Bueno pronunciando *Rrrrrrronaldo* ou o nome de outro jogador.

Para produção do [h], utilizar sequências como *aha*, *ihi* e *uhu*, com a mesma vogal dos dois lados do [h]. Se entre as vogais estiver sendo produzida uma fricativa glotal, a configuração da cavidade oral permanecerá a mesma no trecho inteiro, já que a única alteração será na formação de vibração das pregas vocais. Em termos de pronúncia do PB, seria útil ter como modelo a pronúncia de alguém de Belo Horizonte, por exemplo, cantores como Fernanda Takai, do Pato Fu, ou Samuel Rosa, do Skank.

Para a produção das fricativas dorsais do armênio, podemos partir da observação de DUM-TRAGUT (2019: 17), segundo a qual os próprios gramáticos se dividem entre os que as classificam como uvulares ([χ] e [ʁ]) e os que as classificam como velares ([x] e [ɣ]),

⁵ Pois as vibrantes são múltiplas por definição. Uma vibrante simples não seria, na verdade, uma vibrante. Então *vibrante múltipla* acaba sendo um termo redundante.

essencialmente a mesma variação encontrada, por exemplo, na pronúncia carioca. Os estudantes poderiam ter como modelo uma pronúncia carioca. O contraste fundamental a ser feito é justamente o existente com a fricativa glotal [h].

Numa primeira etapa, o contraste a ser ressaltado é o que há entre [aha], [ihi] e [uhu], por um lado, e [axa], [ixi] e [uxu], ou [ava], [ivi] e [uvu]⁶. Se na pronúncia com [h], como foi assinalado, a configuração da cavidade oral permanece a mesma no trecho inteiro, na pronúncia com consoantes uvulares (ou velares), a parte posterior da língua terá que se erguer, aproximando-se da úvula ou do palato mole. Se a parte posterior da língua não se erguer, não estará sendo produzida uma fricativa dorsal.

Um outro artifício que pode ser usado para que os alunos produzam fricativas dorsais (embora nesse caso provavelmente elas sejam produzidas como velares), seria que eles tentassem artificialmente evitar que a explosão das oclusivas dorsais fosse instantânea. Se eles puderem prolongar exageradamente o momento de início de produção do som sem fazer a explosão, algo como [k:::] ou [g:::], eles provavelmente estarão produzindo fricativas, e não oclusivas. O resultado será um [x] ou um [ɣ].

Para alunos familiarizados com outras línguas, pode-se recorrer ao espanhol *gente* ['xente] ou ao alemão *Bach* ['bax] no caso das surdas. Para as sonoras, uma possibilidade seria partir da pronúncia do espanhol *luego* ['lweɣo]⁷, em que na realidade temos uma aproximante, e não uma fricativa, já que não há produção de ruído. Se a partir dessa pronúncia sem ruído, o aluno aproximar mais o dorso da língua do palato, provavelmente se obterá uma pronúncia fricativa propriamente dita: [ɣ].

O ideal seria começar treinando cada som separadamente e, depois que eles tivessem sido razoavelmente adquiridos, passar para palavras em que eles coocorressem.

5. Conclusão

Definimos como objetivo principal deste trabalho identificar, sistematizar e analisar as dificuldades de pronúncia dos falantes do português, mais especificamente alunos do curso de armênio da Universidade de São Paulo, durante a aprendizagem do armênio oriental, e providenciar estratégias eficientes para sanar essas dificuldades.

⁶ Ou suas variantes velares [axa], [ixi] e [uxu], e [ava], [ivi] e [uvu].

⁷ Observe o diacrítico embaixo do [ɣ], que indica que há uma aproximação menos acentuada dos órgãos articuladores do que numa fricativa propriamente dita.

Para tal, num primeiro momento, fizemos uma breve apresentação das características relevantes do sistema fonético do armênio, apontando as semelhanças e as divergências entre os dois sistemas. Examinamos fonemas consonantais e identificamos os de maior dificuldade, como as oclusivas e as africadas, e a existência das africadas ejetivas, produzidas com a elevação da glote, que não é utilizada no português. No que se refere aos fonemas vocálicos, destacamos o fonema inexistente no português schwa, que atua na produção de sequências consonantais.

Valendo-nos da noção da consciência fonológica, que se desenvolveu a partir dos trabalhos de Liberman (1973), delineamos a base teórica deste trabalho. A consciência fonológica, que prevê que o aluno processe os sons da língua estrangeira baseando-se no padrão fonológico da sua língua nativa, nos parece ser uma solução relevante para as dificuldades.

O eixo central da nossa abordagem é explorar as características do próprio português, despertando a consciência dos fenômenos fonológicos que auxiliariam no aprendizado do armênio. Logo, a principal estratégia aqui proposta é recorrer à consciência fonológica para perceber fenômenos relevantes do português e aplica-los, na medida do possível, à pronúncia do armênio.

A partir daí, seguimos com elaboração das soluções para os pontos problemáticos, que apresentamos em ordem de dificuldade fonológica crescente, a partir das percepções tanto dos alunos, como dos docentes do armênio e os autores do artigo: (1) alçamento e nasalização do [a] em contexto pré-nasal; (2) palatalização dos fonemas /d/ e /t/; (3) estrutura silábica; (4) sonorização; (5) tonicidade; (6) a semivogal [j]; (7) a africada à [dz]; (8) encontros consonantais; (9) as aspiradas; (10) ejetivas e (11) os erres do armênio.

Com base nesta argumentação, achamos pertinente considerar que muitas das dificuldades dos falantes do português são passíveis de solução, ou pelo menos podem ser amenizadas substancialmente pela aplicação das estratégias sugeridas. Acreditamos ser possível eliminar grande parte das dificuldades.

Frisamos que este é um estudo inicial, que não pretende desatar todo o espectro de dificuldades da pronúncia do armênio. Esperamos, no entanto, que as soluções propostas venham a dar uma contribuição relevante tanto para a o objetivo específico de direcionar o falante a atingir uma pronúncia adequada do armênio, bem como, num plano teórico, para a discussão do papel da consciência fonológica na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Referências

- ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. G. Nasalização Fonética e Variação. In: ABAURRE, M.B. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. VII. A construção fonológica da palavra. São Paulo, Contexto, 2013[1996].
- ALVES, U. K. O que é consciência fonológica? In: LAMPRECHT, R. R. et al. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2ª. ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2012. p. 29-41.
- BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. G. Elevação da vogal /a/ em contexto nasal em português brasileiro: estudo preliminar. *Linguística*, Montevideu, v. 35, n. 1, p. 35-55. 2019. <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312x.20190003>.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.23, p. 83-101. 1992. <https://doi.org/10.20396/cel.v23i0.8636847>.
- BOOMERSHINE, A.; HALL, K.C.; HUME, E.; JOHNSON, K. The impact of allophony versus contrast on speech perception. In: AVERY, P.; DRESHER, B. E.; RICE, K. (Eds.). *Contrast in Phonology: Theory, Perception, Acquisition*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 145-171.
- CASSADY, J. C.; SMITH, L. L.; HUBER, L. K. Enhancing validity in phonological awareness assessment through computer-supported testing. *Practical Assessment, Research, and Evaluation*. V. 10, artigo 18. 2005. <https://doi.org/10.7275/j0aw-xp53>.
- CRISTÓFARO SILVA, T.; LEITE, C. Padrões sonoros emergentes: (oclusiva alveolar + sibilante) no português brasileiro. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 24, p. 15-36. 2015. <http://dx.doi.org/10.15210/cdl.v0i24.7270>.
- DA SILVA, F. S. e DA SILVA, S. M. Consciência fonológica e língua estrangeira: um estudo acerca da aprendizagem de espanhol por falantes brasileiros. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 805-821. 2018. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26423>.
- DIXON, L. Q.; CHUANG, H.-K.; QUIROZ, B. English phonological awareness in bilinguals: a cross-linguistic study of Tamil, Malay and Chinese English-language learners. *Journal of Research in Reading*, Oxford, v. 35, n. 4, p. 372–392. 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9817.2010.01471.x>.
- DUM-TRAGUT, J. *Armenian: Modern Eastern Armenian*. vol. 14. Amsterdam: John Benjamins. 2009.
- FARVER, J. A. M.; LONIGAN, C. J.; EPPE, S. Effective early literacy skill development for young spanish-speaking english language learners: an experimental study of two methods. *Child Development*, v. 80, n. 3, p. 703-719. 2009. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01292.x>.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, maio/ago. 2016.
- LEAFSTEDT, J.; GERBER, M. M. Crossover of phonological processing skills: a study of Spanish-speaking students in two instructional settings. *Remedial and Special Education*, v. 26, n. 4, p. 226-235. 2005. <https://doi.org/10.1177%2F07419325050260040501>.
- LIBERMAN, I. Y. Segmentation of the spoken word and reading acquisition. *Bulletin of the Orton Society*, 23, 65–77. 1973. <https://doi.org/10.1007/BF02653842>.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 105-146.

SCHIFF, R.; SCHWARTZ-NAHSHON, S.; NAGAR, R. Effect of phonological and morphological awareness on reading comprehension in Hebrew-speaking adolescents with reading disabilities. *Annals of Dyslexia*, v. 61, n. 1, p. 44-63. 2011. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11881-010-0046-5>.

TRUBETZKOY, N. S. *Grundzüge der Phonologie* (Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 7). Praga 1939.

SWANSON, T. J.; HODSON, B. W.; SCHOMMER-AIKINS, M. An examination of phonological awareness treatment outcomes for seventh-grade poor readers from a bilingual community. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*, v. 36, p. 336–345. 2005.

VAUX, B. *The Phonology of Armenian*. Oxford: Clarendon Press. 1998. [https://doi.org/10.1044/0161-1461\(2005/033\)](https://doi.org/10.1044/0161-1461(2005/033)).

WAGNER, R. K.; TORGESEN, J. K. The Nature of Phonological Processing and Its Causal Role in the Acquisition of Reading Skills. *Psychological Bulletin*, Washington, DC, v. 101, n. 2, p. 192-212. 1987. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0033-2909.101.2.192>.
